

## APRESENTAÇÃO

# **GÊNERO, SILENCIAMENTO(S) E RESISTÊNCIA PELA ANÁLISE DE DISCURSO MATERIALISTA**

O presente dossiê reúne pesquisas desenvolvidas com o aporte teórico da Análise de Discurso Materialista que envolvem relações de gênero, subjetivação e resistência. Os trabalhos mobilizam a linguagem como lugar de materialização dos processos históricos, sociais e ideológicos, sendo que tanto o dizer quanto o não-dizer são marcados por esses processos. Ao analisar discursos produzidos por e sobre mulheres indígenas, mulheres em situação prisional, travestis, sacerdotisas afro-religiosas, personagens históricas racializadas, escritoras populares, as autoras e os autores colocam o processo de produção de sentido em relação com a resistência. Os seis primeiros textos do dossiê apresentam análises sobre a relação entre gênero e resistência que mobilizam e revisitam a teoria, ao passo que os últimos três textos são produções teóricas que tocam questões importantes da Análise de Discurso.

Mônica Zoppi Fontana, no artigo *Enunciação e silêncio: a fofoca e seus sujeitos*, analisa o funcionamento discursivo da fofoca como prática de linguagem que articula enunciação e silêncio. A autora discute sobre como a fofoca opera nas margens da institucionalidade, sendo frequentemente desqualificada como fala menor, feminina ou fútil, mas que, paradoxalmente, coloca em circulação o que os discursos oficiais silenciam. O texto examina como o sujeito da fofoca se constitui em redes de sentidos marcadas por gênero, classe e relações de poder, tensionando o dito e o não dito. A fofoca é abordada como gesto enunciativo que produz efeitos de verdade, de controle e de resistência, mobilizando sentidos que podem tanto reforçar quanto subverter normatividades. O silêncio não é compreendido como ausência de linguagem, mas como condição de possibilidade do dizer.

No texto *Trapacear a língua: o funcionamento discursivo do equívoco na novela Florim*, de Ruth Ducaso, Janaina Cardoso Brum analisa a novela com foco no funcionamento do equívoco no processo de produção de sentidos, considerando a literatura como forma de questionar o mundo semanticamente normatizado. A autora propõe que o gesto de escrita em *Florim* trapaceia a língua dominante, instaurando sentidos outros a partir de uma relação conflituosa com a norma e com o português padrão, desestabilizando o funcionamento “transparente” da linguagem. A análise destaca o modo como o equívoco, longe de ser ruído ou erro, opera como lugar produtivo do sentido, reinstituindo o político no dizer e evidenciando o atravessamento das relações de classe, raça e gênero no discurso literário.

Em *Indígenas mulheres na literatura indígena brasileira contemporânea: vozes, lutas e feminismos*, Jacob dos Santos Biziak e Ana Carolina Bonini Menin analisam a emergência das vozes femininas indígenas na literatura brasileira contemporânea, destacando como as autoras tensionam tanto os estereótipos coloniais quanto estruturas do patriarcado. Na análise da obra “Nâna e os potes de barro”, compreendem que a literatura das mulheres indígenas é não apenas expressão estética, mas prática de resistência. Em relação com o movimento de indígenas mulheres, afirmam que a reivindicação pelo enunciado “indígenas mulheres” coloca em circulação sentidos relacionados a uma ancestralidade e pertencimento ao comunal.

Mariana Jafet Cestari e Glória França são as autoras do texto *Sacerdotisas voduns e rainhas nas encruzilhadas das memórias discursivas: da Inquisição ao carnaval*, o qual investiga as memórias discursivas que atravessam a constituição de figuras femininas negras associadas à religiosidade afro-brasileira, como sacerdotisas voduns, rainhas e mães de santo, articulando diferentes temporalidades: da perseguição inquisitorial colonial às expressões contemporâneas no carnaval. As autoras analisam os efeitos de sentido na relação entre memória e lugares de enunciação, compreendendo o corpo como materialidade significante, como formulação discursiva, como saber.

No artigo ‘*Preta Fermina*: escravidão, nomeação e tensões jurídicas na fronteira Brasil-Uruguai’, Marilene Aparecida Lemos investiga o funcionamento discursivo da nomeação de “Preta Fermina” a partir de um processo jurídico de 1877 na região de fronteira entre Brasil e Uruguai. A análise busca compreender como os efeitos de sentido sobre escravidão, liberdade, raça e gênero se inscrevem nos documentos legais e nos gestos de interpretação que os sustentam. O nome “Preta Fermina” opera como marca do apagamento de subjetividade e da inscrição da mulher negra em posições de subalternidade, ao mesmo tempo em que carrega tensões históricas e jurídicas sobre a condição de liberdade no contexto pós-abolicionista. A fronteira é pensada como espaço discursivo instável, onde diferentes regimes de verdade e juridicidade se cruzam.

Em *Análise de dizeres de mulheres em contexto prisional: discurso e reprodução social*, Luciana Iost Vinhas analisa enunciados de mulheres privadas de liberdade, articulando a Análise de Discurso à Teoria da Reprodução Social. Com isso, tenta compreender como os discursos produzidos nesse contexto evidenciam a articulação entre gênero, classe e raça na formação social brasileira. A autora parte de entrevistas realizadas com mulheres em situação prisional e propõe uma leitura dos efeitos de sentido que emergem dessas falas, em especial no que diz respeito à naturalização da punição, às formas de silenciamento e à responsabilização individualizada das mulheres pela sua própria condição. A análise evidencia como o discurso prisional reinscreve as mulheres em posições de opressão, ao mesmo tempo em que permite entrever fissuras, contradições e gestos de resistência.

Fábio Ramos Barbosa Filho, no artigo *Análise de Discurso e Psicanálise: uma relação biunívoca?*, propõe uma crítica à apropriação metodológica da Análise de Discurso pela psicanálise no contexto universitário. A partir da obra de Michel Pêcheux, o autor argumenta que a psicanálise, especialmente em sua vertente lacaniana, é fundamental para a formulação de uma teoria materialista da subjetividade e do sentido na AD. No entanto, a recíproca não se aplica: muitos trabalhos psicanalíticos instrumentalizam a AD de modo superficial, desconsiderando seu arcabouço teórico. O artigo reconstrói a trajetória da psicanálise na elaboração teórica de Pêcheux, desde os textos escritos sob pseudônimo até sua ruptura com a psicossociologia na década de 1970, evidenciando como a psicanálise é integrada à semântica materialista como suporte epistemológico e não como método auxiliar.

Em *No hay acto sin escena, no hay escena sin teatro. Aportes del materialismo de lo imaginario a las relaciones entre discurso e historia*, Natalia Romé propõe uma articulação entre os pressupostos da Análise de Discurso e o materialismo do imaginário, com o objetivo de repensar a relação entre discurso e história. A partir da metáfora do teatro, em que não há ato sem cena, nem cena sem teatro, a autora argumenta que todo dizer está necessariamente inscrito em uma cena discursiva historicamente determinada, marcada por relações de poder e por dispositivos imaginários que organizam a visibilidade dos sujeitos e dos enunciados. O texto retoma fundamentos do pensamento althusseriano e pêcheuxiano, integrando-os a uma reflexão sobre o papel do imaginário na constituição da cena do discurso. O artigo amplia a compreensão da historicidade do discurso ao evidenciar sua dimensão cênica e os efeitos simbólicos que a sustentam.

*An interview with Warren Montag: notes on Althusser, Pêcheux, and discourse analysis* intitula a entrevista concedida pelo Prof. Warren Montag a Luciana Vinhas, na qual o pesquisador revisita sua trajetória intelectual e seu envolvimento com o marxismo althusseriano, a teoria do discurso e autores como Michel Pêcheux, Pierre Macherey e Étienne Balibar. Ele relata o impacto das leituras de Althusser sobre contradição e sobredeterminação, o distanciando do marxismo lukacsiano e de visões totalizantes da história. Destaca as críticas de Pêcheux ao ensaio “Ideología e aparelhos ideológicos de Estado”, especialmente o funcionalismo que tornaria a revolta impensável, e aponta como Pêcheux tenta reintroduzir a historicidade e a instabilidade do discurso. Montag descreve ainda sua convivência com Pêcheux durante a tradução de “Discourse: Structure or Event?”, revelando aspectos pessoais e políticos do autor.

Ao reunir abordagens teóricas e analíticas que atravessam distintas formas materiais (literárias, jurídicas, institucionais, historiográficas e cotidianas), o dossié reafirma o potencial da Análise de Discurso Materialista para pensar sobre o processo de produção do sentido no modo de produção capitalista, afetado por diferentes relações de contradição e de sobredeterminação. Os textos aqui apresentados não apenas tratam dos processos discursivos que sustentam a reprodução da ideologia pela dominância de gênero e de raça, mas também apresentam possibilidades de ruptura, desvio e resistência que tensionam as diferentes posições ideológicas. Ao explorar as articulações entre discurso, memória, ideologia e história, este conjunto de trabalhos contribui para alargar os horizontes da pesquisa em Análise de Discurso, considerando sua relevância tanto para a prática teórica quanto para a prática política.

**Luciana Iost Vinhas**

**Mônica Zoppi Fontana**

Organizadoras